

DOSSIÊ

OS EVANGÉLICOS NA ARENA POLÍTICA URUGUAIA DO SÉCULO XXI

*EVANGELICALS IN THE
URUGUAYAN POLITICAL ARENA
OF THE 21ST CENTURY*

Victoria Sotelo* 

RESUMO

O objetivo principal desta pesquisa é analisar a presença de figuras evangélicas publicamente reconhecidas na arena política uruguaia do século XXI, com foco na compreensão de que agenda elas promovem, quais são seus projetos e reações políticas, bem como os efeitos e transformações que o Uruguai contemporâneo está experimentando tanto na esfera política quanto religiosa. A questão de pesquisa é: qual é a cosmovisão religiosa que inspira a atuação dos representantes políticos evangélicos na arena política uruguaia? Parte-se da premissa de que o campo evangélico é formado por uma diversidade de igrejas que têm em seu interior nuances e tensões próprias, oriundas de dois grandes polos: o polo bíblico conservador (o evangélico e o pentecostal) e o polo histórico liberacionista (igrejas descendentes da Reforma de Lutero e Calvino, e do cisma anglicano) (Wynarczyk, 2010). Métodos mistos de pesquisa são utilizados para abordar o objeto de estudo. Com base nisso, analisa-se o campo evangélico uruguaio e a passagem vivida por seus paroquianos de uma atitude pietista e retraída, para uma postura ativa e dinâmica na arena política. Conclui-se que, no Uruguai, os evangélicos políticos do polo conservador bíblico são os que têm maior destaque na arena política, com posições pró-vida e pró-família e contra a ideologia de gênero. No entanto, há políticos evangélicos do polo liberacionista histórico com posições distantes daquelas assumidas pelos conservadores bíblicos. As figuras evangélicas presentes na arena política não formaram um partido político ou uma bancada evangélica, pois, embora estejam majoritariamente no Partido Nacional, estão espalhadas em diferentes partidos e não há coordenação orgânica.

Palavras-chave: Evangélicos, política, Uruguai, religião.

ABSTRACT

The main objective of this research is to analyze the presence of publicly recognized evangelical figures in the Uruguayan political arena of the 21st century, with a focus on understanding what agenda they promote, what their political projects and reactions are, as well as the effects and transformations that contemporary Uruguay is experiencing in both the political and religious spheres. The research question is: what is the religious worldview that inspires the performance of evangelical political representatives in the Uruguayan political arena? It is based on the premise that the "evangelical field" is formed by a diversity of churches that have their own nuances and tensions within them, coming from two major poles: the conservative biblical pole (the evangelical and the Pentecostal) and the liberationist historical pole (churches descended from the Reformation of Luther and Calvin, and from the Anglican schism) (Wynarczyk, 2009). Mixed research methods are used to approach the object of study. Based on this, the Uruguayan evangelical field is analyzed, and the passage experienced by its parishioners from a pietistic and withdrawn attitude to an active and dynamic posture in the political arena. It is concluded that, in Uruguay, the political evangelicals of the biblical conservative pole are the ones who have the greatest prominence in the political arena, with pro-life and pro-family positions and against gender ideology. However, there are evangelical politicians from the liberationist historical pole with positions far from those taken by biblical conservatives. The evangelical figures present in the political arena have not formed a political party or an evangelical caucus, because, although they are mostly in the National Party, they are scattered in different parties and there is no organic coordination.

Keywords: Evangelicals, politics, Uruguay, religion.

INTRODUÇÃO

O estudo da participação de atores religiosos na esfera política tornou-se uma área de crescente interesse nas ciências sociais, especialmente no contexto latino-americano, onde a intersecção entre religião e política tem sido historicamente complexa e flutuante. No caso do Uruguai, caracterizado por um forte processo de secularização e uma identidade nacional marcada pelo secularismo, o surgimento de figuras evangélicas na arena política representa um fenômeno novo que merece ser analisado em profundidade.

Este artigo busca compreender a presença de políticos evangélicos no Uruguai durante o século XXI, explorando suas motivações, discursos e estratégias, bem como a agenda política que promovem. Parte-se da premissa de que o campo evangélico uruguaio é diverso e polarizado entre duas grandes correntes: o polo bíblico conservador (composto por evangélicos e pentecostais com posições mais tradicionais) e o polo liberacionista histórico (formado por igrejas descendentes da Reforma de Lutero, Calvino e do cisma anglicano, com uma perspectiva mais progressista).

Em um país onde o catolicismo perdeu influência e as instituições religiosas têm sido tradicionalmente relegadas à esfera privada, o crescimento do evangelismo e sua incursão na política desafia a matriz secular do Uruguai e levanta questões sobre as transformações na cultura política e religiosa do país. Por meio de uma abordagem de métodos mistos, que combina análise quantitativa de dados e entrevistas em profundidade com líderes político-religiosos, examina como esses atores articulam sua fé com sua ação política e como se inserem no sistema partidário uruguaio.

Este artigo não só busca preencher uma lacuna na literatura sobre religião e política no Uruguai, mas também pretende oferecer um olhar comparativo com o contexto latino-americano, onde a participação política dos evangélicos adquiriu dimensões significativas.

O Uruguai, país objeto de estudo deste artigo, experimentou em sua modernidade um forte processo de secularização de mentalidades, costumes, instituições e educação, onde a laicidade teve uma profunda raiz social. Nesse processo, destacam-se dois elementos que desempenharam um papel primordial: a fraca implantação do catolicismo em nosso país, desde os tempos coloniais; e o papel das elites modernizadoras que estiveram presentes antes e durante a consolidação do Estado moderno. O processo de secularização no Uruguai concentrou-se historicamente ao longo das seis décadas da primeira modernização capitalista (1860 e 1920) e é entendido como uma progressiva "privatização da religião". Nesse período houve uma forte luta entre Igreja e Estado pela ocupação dos espaços públicos, cujos dois marcos iniciais podem ser marcados com a Lei da Educação de 1877 e sua imposição do

"laicidade", e a Lei do Registro do Estado Civil de 1878. No entanto, o ponto mais alto foi alcançado nas primeiras décadas do século XX, com o chamado "primeiro batllismo", onde o Estado relegou definitivamente a religião à esfera privada. Entre as iniciativas tomadas por Batlle e Ordóñez podemos citar a lei do divórcio, a remoção de crucifixos dos hospitais, a supressão do ensino religioso nas escolas públicas, a substituição por decreto de festividades religiosas por seculares etc. José Pedro Barrán (1988) destacou que "a secularização das mentalidades, costumes, instituições e educação (logo se tornou) um dos sintomas culturais mais precisos do início da modernidade uruguaia".

Vale destacar o caráter radical em vários aspectos do conceito de laicidade imposto no país durante o período estudado. A adoção de posições oficiais fortemente críticas em relação à religião institucional hegemônica (a Igreja Católica), juntamente com uma transferência da sacralidade do religioso para o político, "levou gradualmente à formação do que veio a ser chamado de uma espécie de religião civil, com simbologias e doutrinas alternativas, rituais e liturgias cívicas destinadas a reforçar a identidade e a ordem social" (Caetano, 2007, p. 43).

A privatização da religião e a implantação de uma religião civil secularizada foram as marcas do processo de secularização uruguaio, que transcendeu o plano das relações entre Igreja e Estado (ou o dos vínculos entre religião, política e sociedade), "para se inscrever como um perfil fundamental da mais vasta identidade cultural dos uruguaiois" (Caetano, 2007, p. 44).

No entanto, em Uruguai, "a expressão cultural do secularismo uruguaio evidência na prática níveis mais elevados de radicalismo do que no caso francês" (Da Costa, 2009, p. 137).

Pode-se afirmar provisoriamente que hoje há um certo grau de discordância entre a imagem secular que o Uruguai apresenta e o aumento progressivo de novas formas de viver a religiosidade e a presença da religião no espaço público. Tal paradoxo e suas possíveis repercussões na identidade religiosa são uma enorme atração para nossa curiosidade sociológica. Razões como essas nos motivam a explorar a nova realidade que nos é imposta: um aumento considerável na demanda por religiosidade tem sido observado na sociedade uruguaia. O surgimento de práticas religiosas orientalistas ou da Nova Era, a proliferação de templos pentecostais de grande poder econômico, as novas abordagens do neocristianismo e o crescimento anual e sustentado da religião afro-umbandista, sugerem que o Uruguai está mudando fortemente no sentido religioso.

Nesse contexto, figuras publicamente reconhecidas como evangélicas aparecem na arena política, em mobilizações, debates públicos (como o recente em torno da eutanásia), atuando no parlamento, bem como figuras políticas em templos evangélicos. Esse entrelaçamento de religião e política no "Uruguai laico" (Caetano, 2013) será nosso objeto de investigação, com foco em saber quais são as motivações

das figuras evangélicas que promovem sua participação na política, quais são suas coordenações (se existem), sua plataforma de reivindicações, se o fazem dentro de um partido político, se representam uma igreja, tentando conhecer as especificidades do caso uruguaio, no contexto latino-americano.

UMA APROXIMAÇÃO HISTÓRICA AL PROTESTANTISMO EM URUGUAI

No início do século XIX, imigrantes de diferentes países chegaram ao Uruguai e deram origem às primeiras igrejas protestantes (los ingleses anglicanos, los valdenses, los reformados suizos), chamadas iglesias de “inmigración o étnicas” (Caetano, 2013, p. 97). Os metodistas americanos começaram seu trabalho missionário e se estabeleceram em Montevideu em 1839. Os luteranos alemães começaram sua chegada em 1840 com a Igreja Evangélica do Rio da Prata e, anos depois, chegaram imigrantes de outros países (Suíça, Áustria, Hungria, Rússia, Brasil e Romênia) expandindo assim o protestantismo em nosso território (Sotelo, 2021).

A chegada da Igreja Valdense da Itália em 1856 deve ser destacada como um marco importante na história do protestantismo no Uruguai. Ao longo dos anos, outros imigrantes europeus reformados chegaram ao nosso território e se concentraram em torno da Igreja Valdense, aumentando sua presença.

Os primeiros missionários anglicanos chegaram em 1866 e deram origem à Igreja Anglicana no Uruguai. Alguns anos depois, neste mesmo século, o Exército de Salvação (1890) chegou da Inglaterra e a Igreja Adventista do Sétimo Dia dos Estados Unidos em 1895 (Holland, 2010).

No último terço do século XIX, na época em que ocorria o confronto entre a Igreja católica e o Estado sobre a construção e ocupação do espaço público, os protestantes começaram a ter uma presença proeminente no país (5% da população de Montevideu segundo dados do censo de 1890) (Caetano, 2013). No final do século XIX, chegaram alguns missionários das sociedades bíblicas, como o batista Paul Besson e o irmão livre John Ewen (1882). Em junho de 1908, a primeira Igreja Cristã Evangélica, comumente conhecida como Irmãos Livres, foi organizada e, em 1911, a Igreja Evangélica Batista foi fundada.

Durante o século XX, a liberdade religiosa relativa pôde ser professada em nosso país, o que levou ao estabelecimento de muitas religiões protestantes dos Estados Unidos. Foi assim que o pentecostalismo uruguaio surgiu em 1930 com a chegada de missionários americanos da Igreja Pentecostal Unida e em 1938 pelas Assembleias de Deus Suecas, as Assembleias de Deus dos Estados Unidos em 1946 e a Igreja de Deus da Profecia em 1957. As "igrejas étnicas" também aumentaram em volume nas primeiras décadas deste século, tanto por causa de seu próprio crescimento natural

quanto por causa de novas contribuições de imigração. Aos crentes valdenses, os suíços reformados, anglicanos, alguns luteranos alemães, se lê agregam em a década de 1920 os evangélicos armênios e, após a Segunda Guerra Mundial, chegam os menonitas alemães (Caetano, 2013, p. 103).

Embora a população protestante uruguaia tenha sido a menor se comparada aos outros países do Cone Sul devido à profunda tradição secular, pode-se dizer que em 1980 havia aproximadamente 70 denominações pentecostais no Uruguai e o número de fiéis pentecostais superou o de denominações não pentecostais.

A partir das imigrações protestantes que chegaram ao nosso país a partir do final do século XIX, o protestantismo, dividido em várias igrejas separadas, especialmente dentro do movimento pentecostal, lentamente começou a crescer e disputar o catolicismo pela hegemonia que tinha até então. A diversidade de orientações dentro do protestantismo responderia ao fato de que ele "desconfia a priori de uma unidade institucional monolítica que atribui a si mesma em exclusividade os direitos de interpretação dos textos", como explica o pastor evangélico metodista uruguaio Emilio Castro (1969, p. 28).¹

Dentro das correntes protestantes e ao longo do século, surgiram várias orientações, além das tradicionais (presbiteriana, episcopal e metodista), sendo a mais recente o "protestantismo de missão" (Caetano, 2013, p. 96), especialmente ao protestantismo pentecostal. Desta forma, o missionário Raymond De Vito chegou ao Uruguai em 1946 vindo dos Estados Unidos, fundando assim as Assembleias de Deus em nosso país. A primeira igreja formada foi na rua Jaime Cibils (Montevideu), que continua funcionando até hoje.

Logo surge o neopentecostalismo, que é composto por grupos religiosos que tomam os textos bíblicos do Antigo e do Novo Testamento como base de sua doutrina. Isso marca uma certa analogia com católicos e protestantes históricos e com o pentecostalismo "tradicional". No entanto, a diferença está em três aspectos fundamentais: o uso quase excessivo dos meios de comunicação para difundir seu culto, o forte carisma de seus pastores para atrair os fiéis e o uso de todos os tipos de recursos para obter benefícios econômicos (Oro, 1992). Esses elementos foram criticados por outros movimentos cristãos. As igrejas neopentecostais entraram no Uruguai na década de setenta, principalmente do Brasil e da Argentina, mas começaram a ter destaque e visibilidade pública nas décadas de oitenta e noventa (Da Costa, 2003, p. 77). Essas igrejas se caracterizam por serem compostas por líderes carismáticos que presidem cerimônias de grande conteúdo expressivo e emocional, por meio de música, exorcismo e rituais de cura, e discursos comoventes que envolvem a participação ativa do público

¹ Ele foi por vários anos presidente do Conselho Mundial de Igrejas, a organização mais importante das igrejas protestantes em todo o mundo.

presente. Ao mesmo tempo, destacam-se pelo uso intensivo dos meios de comunicação de massa e por estarem estruturados em um negócio de ampla circulação de dinheiro. As igrejas neopentecostais mais relevantes no Uruguai são a "Igreja Missão Vida para as Nações" e "A Igreja Universal do Reino de Deus".

Nesta pesquisa levaremos em conta a participação de figuras evangélicas de todo o universo evangélico, compostas como destacamos, de diversas correntes e igrejas.

METODOLOGIA

Métodos mistos de pesquisa são utilizados para abordar o objeto de estudo: a partir de uma abordagem quantitativa, são analisados dados secundários do Latinobarómetro 2023 e do World Values Survey 2020. Essas duas fontes secundárias de dados são utilizadas e se complementam e podemos ter uma análise mais completa das relações entre religião e política, tema que nos reúne neste artigo. Com o Latinobarómetro faremos uma abordagem geral da filiação religiosa na América Latina e no Uruguai, enquanto a Pesquisa Mundial de Valores nos permite aprofundar as variáveis relacionadas à participação política e às inclinações de voto das diferentes denominações religiosas, uma análise que não poderíamos realizar usando apenas dados da primeira fonte.

A pesquisa foi realizada por meio da entrevista padronizada aberta (Valles, 1997, p. 180), caracterizada pela utilização de uma lista de perguntas ordenadas e escritas igualmente para todos os entrevistados, mas com respostas livres ou abertas. As entrevistas foram aplicadas a uma amostra de interesse teórico em nosso universo de pesquisa. O tamanho da amostra foi determinado levando-se em consideração o conceito de "ponto de saturação".

A partir de uma abordagem qualitativa, são analisadas 21 entrevistas com figuras evangélicas relevantes do cenário político uruguaio contemporâneo realizadas no âmbito da minha tese de doutoramento (Sotelo, 2023). O trabalho de campo foi realizado durante os meses de março a setembro de 2021.

As entrevistas foram realizadas com representantes políticos declarados publicamente como evangélicos, como parlamentares (deputados), vereadores em Conselhos Departamentais e ocupantes de cargos em prefeituras departamentais, pastores, fies e líderes de organizações evangélicas.² Foram entrevistadas figuras dos departamentos de Montevideu, Salto, Tacuarembó, Canelones, Flórida, Colônia e Rivera, contemplando ter uma visão da capital e do interior do país.

² Nesta pesquisa, figuras evangélicas do Partido Cabildo Abierto (partido fundado em 2018), que nas últimas eleições, em 2019, obteve 11% dos votos, não foram entrevistadas. No trabalho de campo, através da "técnica bola de neve", nenhuma figura evangélica pertencente a Cabildo Abierto foi referida na arena política uruguaia. No entanto, considera-se que esse aspecto pode ser retomado e aprofundado em uma investigação futura, uma vez que o partido capturou parte do eletorado evangélico, e em muitas ocasiões o líder do partido, o ex-comandante das Forças Armadas general Guido Manini Ríos, foi visto aludindo à luta contra a ideologia de gênero e a defesa dos valores tradicionais.

Abaixo apresenta-se um quadro das pessoas entrevistadas e os cargos que ocuparam em 2021, ano em que as entrevistas foram realizadas. As figuras políticas e religiosas mais relevantes foram escolhidas tendo em conta o critério de cobertura de todo o território nacional.

Tabela 1 – Lista de entrevistados (as)

No.	Nome e sobrenome	Cargo que ocupou no ano 2021 / Partido político e setor	Autodefinição religiosa
1	Gerardo Amarilla	Subsecretário do Ministério do Meio Ambiente desde 27/08/2020; Representante Nacional, períodos 2010 – 2015; 2015 – 2020 e eleito 2020 – 2025, Partido Nacional. Mestre em Direito Ambiental pela Universidade Internacional da Andaluzia.	Evangélico pentecostal, Assembleias de Deus.
2	Álvaro Dastugue	Deputado, Representante Nacional pelo Partido Nacional de Lema, Departamento de Canelones, Partido Nacional.	Pastor da Igreja Missão Vida para as Nações. Evangélico neopentecostal.
3	María Cristina Acevedo	Vereadora pelo Departamento de Colonia, Frente Amplio, Setor Par.	Membro da Igreja Evangélica Valdense.
4	Daniel Gerhard	Deputado, Representante Nacional pelo Partido Frente Amplio de Lema, departamento de Montevideú, PVP.	Cristão ecumênico com raízes protestantes, batizado na Igreja Luterana (evangélico protestante).
5	Carlos lafigliola	Ocupa o cargo de assessor na secretaria do diretório ANTEL. Ex pré-candidato à presidência pelo Partido Nacional (2019). Ex-deputado por Montevideú, Legislatura 2015-2020.	Membro da Igreja Católica.
6	Jorge Fajardo	Ex-vereador da Junta Departamental de Rivera (por três períodos), ex-deputado suplente período 1985-1990. Frente Amplio, Novo Espaço.	Bispo da Igreja Cristã Pentecostal Nascente (Rivera).
7	Óscar Farías	Diretor comunal, Coordenador de Gestão Territorial, Prefeitura de Rivera, Partido Colorado.	Pastor da Igreja Cristã de Rivera
8	Gabriel Cunha	Diretor de Programas para Pessoas em Situação de Rua - Ministério do Desenvolvimento Social, Partido Nacional.	Evangélico, sem igreja. Ex-membro da Igreja Missão Vida.
9	Cristina Ruffo	Vereadora Suplente de Montevideú, Partido Nacional. Pentecostal evangélico.	Pastora da Igreja Ministério Internacional H. Acoré
10	Fernando Rodríguez	Ex-subdiretor do INAU, Frente Amplio.	Membro da Igreja Irmãos Livres.
11	Gustavo Silveyra	Ex-diretor nacional de Apoio aos Libertados (ocupou o cargo desde abril de 2020 por 3 anos), Partido Nacional, Movimento de Ação Social (MAS).	Pastor da Igreja Invasão Urbana, cristão evangélico.
12	Analia Pereyra	Vereadora de Montevideú eleita pelo Partido Independente, militante do Partido Nacional.	Evangélica, Igreja Evangélica Casa Aberta (Canelones). Ex-membro da Missão Vida
13	Joanna Perco	Deputado suplente de Pablo Viana, Representante Nacional, Partido Nacional.	Cristã evangélica, Igreja Missão Vida para as Nações
14	Mário Perrachon	Ex-deputado suplente pelo departamento de Colonia durante o período 2005 – 2010, Ex-deputado titular pelo período 2010 – 2015, Frente Amplio. Produtor rural.	Membro da Igreja Valdense.

No.	Nome e sobrenome	Cargo que ocupou no ano 2021 / Partido político e setor	Autodefinição religiosa
15	Ilda Vence		Pastora, Igreja Metodista
16	Loudier Garabedian	Presidente da Aliança Evangélica (CREU - Conselho de Representatividade Evangélica do Uruguai), Assembleias de Deus	Pastor. Assembleias de Deus
17	Enzo Albino	Vereador nacionalista do Conselho Departamental de Salto, Partido Nacional.	Evangélico pentecostal. Membro da Assembleia Apostólica da Fé em Cristo Jesus
18	Eliana Baez	Vereadora nacionalista alternativo do Conselho Departamental da Flórida. Partido Nacional	Membro da Igreja Batista.
19	Alba Rodríguez	Vereadora nacionalista de Tacuarembó, Partido Nacional.	Evangélica, membro da Igreja Missão Vida para as Nações.
20	Lane Silvera	Militante do Partido Nacional, Partido Nacional.	Evangélica, membro da Igreja Missão Vida para as Nações (Depto. Rivera).
21	Andrés Lima	Prefeito de Salto, período 2015-2020, 2020-2025, Frente Amplio.	Evangélico

Fonte: Elaboração própria.

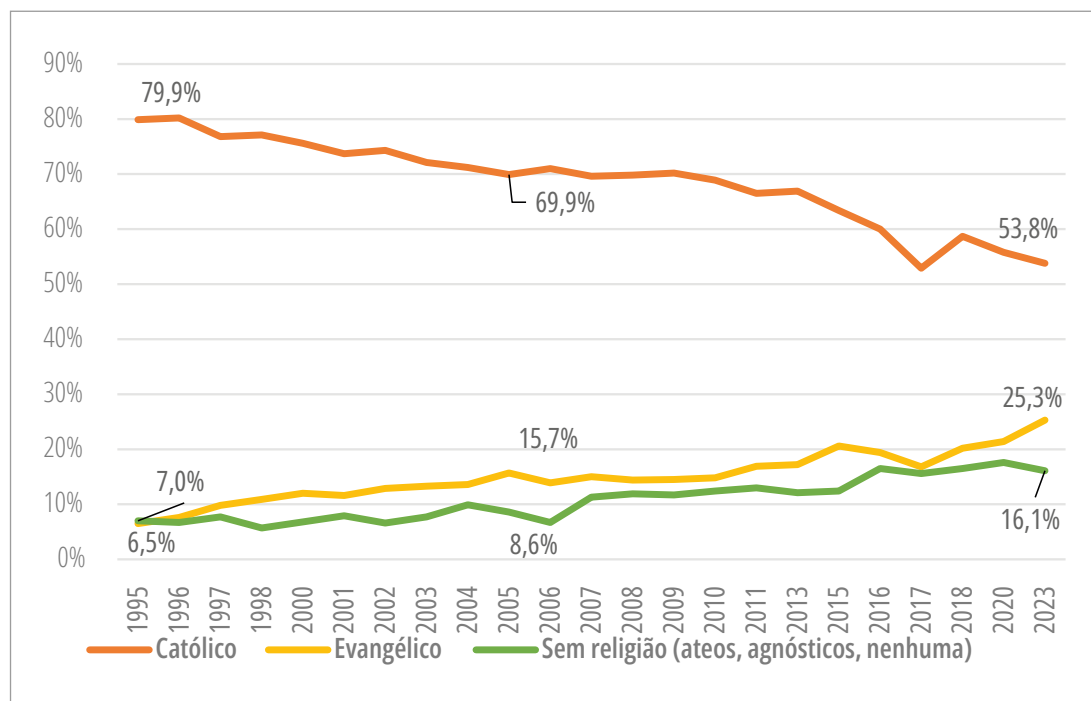
SER EVANGÉLICO NO CONTEXTO LATINOAMERICANO

A transformação religiosa na América Latina marca um cenário polarizado de duas crenças religiosas majoritárias: o catolicismo (ao qual aderem 53,8% dos latino-americanos), em declínio em todas as nações; e o evangelismo (25,3% da população latino-americana), que vem crescendo de forma constante e sustentável em todas as sociedades latino-americanas, superando o catolicismo em algumas delas (Guatemala, Honduras). O terceiro grupo que mais cresce são aqueles que não aderem a nenhuma religião (ateus, agnósticos ou nenhuma religião, que representam 16,1% na América Latina) (Latinobarómetro, 2023). Analisaremos agora as razões dessa transformação no campo religioso.

Entre os evangélicos, a transformação cultural mais marcante é a dos pentecostais e neopentecostais, devido às características de sua mensagem, facilmente adaptada às espiritualidades locais, para se conectar com as necessidades e crenças populares, de uma maneira melhor do que os protestantismos históricos fizeram; assim como pela universalidade do sacerdócio, que faz com que os templos se multipliquem de pastores com o dom de serem autênticos líderes carismáticos que interpretam a dor de seus paroquianos e transmitem milagres. Alguns desses pastores desenvolvem interesse em participar da política, convertendo seu capital religioso em capital político (Bourdieu, 1971); esse mecanismo pelo qual os líderes religiosos se catapultam para a política, convertendo seu capital religioso em capital político, é um ponto sociologicamente interessante que desenvolveremos na análise qualitativa. De modo geral, a confiança gerada pelos líderes religiosos e seu sucesso em ajudar os mais

necessitados e o envolvimento em Obras Sociais (sejam pastores ou fiéis, que atuam à "margem da sociedade" (Arocena & Sotelo, 2020) ou em bairros carentes, nas prisões, no atendimento a pessoas com dependências, mulheres vítimas de violência, pessoas em situação de rua, etc., gera então uma confiança nos eleitores e um interesse por parte dos partidos políticos em adicionar esses líderes religiosos às suas fileiras, seja pelo fluxo de votos que podem atrair ou porque confiam que, se conseguirem desenvolver com sucesso um trabalho social de natureza religiosa, também poderão realizar uma política social a partir do Estado. Também muitos deles têm em seu acervo o conhecimento de como se dirigir a um grande público, que palavras usar para motivá-los, como desenvolver um discurso emocional e cativante, até mesmo formas de linguagem são transferidas de um campo para outro (do religioso para o político), algo que Guigou (2006) chamou de "neopentecostalização da linguagem política"; algo que pode ser observado com mais frequência no Brasil e, em menor medida, em Uruguai (ficou claro quando os senadores desenvolveram seu discurso fervoroso e veemente durante o *impeachment* de Dilma Rousseff, em 2016).

O crescimento do pentecostalismo e do neopentecostalismo não é apenas um fenômeno visível na América Latina, é visível também em outros cantos do planeta, sua capacidade de globalização (a fácil adaptabilidade de sua mensagem às culturas locais, a flexibilidade de organização, teologia e liturgia) faz com que grandes contingentes de fiéis sejam percebidos na Europa, na China, em vários países da África e nos Estados Unidos, Singapura, Filipinas etc. A proximidade entre o pastor e seus paroquianos, a evangelização nas casas familiares, a força das redes sociais tecidas nos territórios, o trabalho social junto aos setores mais submersos da sociedade (pessoas privadas de liberdade ou recém-libertadas, pessoas com uso problemático de substâncias e/ou em situação de rua, mulheres vítimas de violência de gênero) juntamente com a teologia da prosperidade e da guerra santa, eles são o motor do crescimento dessa força religiosa. Soma-se a tudo isso a presença de pastores e fiéis evangélicos no cenário político latino-americano, o que desperta a atenção sociológica desta pesquisa.

Gráfico 1 - Evolução da filiação religiosa na América Latina (1995 – 2023)

Fonte: Elaboração própria baseada no Latinobarômetro 2023.

Falar das transformações no campo religioso latino-americano é compreender o declínio da Igreja Católica, colocando "os velhos atores do campo religioso em um panorama diferente – o novo milênio – além de facilitar a adequada identificação dos novos atores, tanto no campo católico quanto no não católico" (Masferrer Kan, 2009, p. 11). Antigamente, a Igreja Católica legitimava e sacralizava os ritos de passagem (batismo, primeira comunhão, crisma, matrimônio), sacralizando assim a estrutura social e dando-lhe conteúdo, definindo papéis sexuais e de gênero. No entanto, há várias décadas assistimos à "obsolescência do modelo moral sexual e familiar" (Masferrer Kan, 2009, p. 13), à medida que esses rituais e instituições se tornaram ultrapassados.

Masferrer Kan (2009) explica que a mudança nos conceitos de casamento e família, a crise das famílias nucleares e extensas, o impacto da migração nas redes de apadrinhamento, bem como o acesso das mulheres ao mercado de trabalho e profissional implicaram que os tempos conjugais fossem postergados e até promoveram um processo de empoderamento feminino expresso na reformulação conceitual do poder na família.

Os mecanismos de planejamento familiar e controle da natalidade, bem como a indissolubilidade do casamento e as sanções canônicas às mulheres que abortam, entraram em crise sem que a instituição tivesse acompanhado as mudanças culturais com renovadas propostas teológicas.

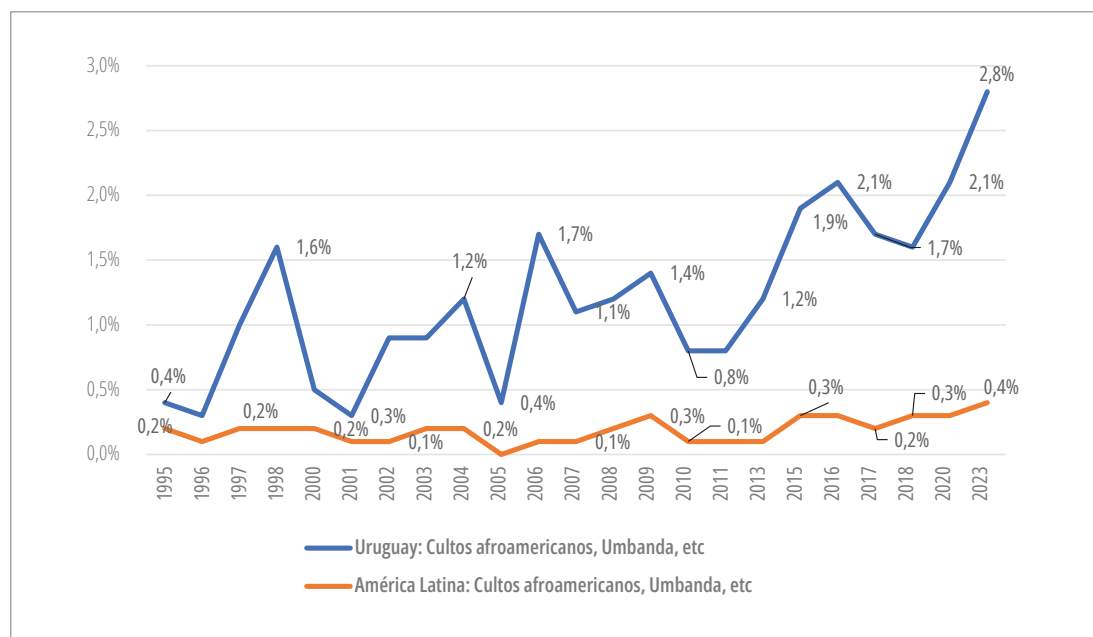
Somam-se a tudo isso a crise do modelo eclesial (vertical, baseado nas burocracias do Vaticano), bem como a deslegitimação dos líderes religiosos (escândalos de abuso

sexual de padres), que determina que a igreja perdeu legitimidade na sociedade como "guardiã de normas e valores" (Masferrer Kan, 2009, p. 17).

Embora não seja objetivo deste artigo encontrar as causas do declínio da Igreja Católica, é necessário destacar algumas das dimensões que explicam esse fenômeno de decadência do que foi a instituição religiosa hegemônica no campo político latino-americano. Embora nem todos os católicos se convertam ao evangelismo hoje (talvez muitos deles se convertam a outras religiões), há muitos fiéis que acreditam em Cristo porque foram socializados em uma família católica ou instituição educacional e o fazem para encontrar uma maneira renovada de crer, um lugar de encontro e tranquilidade em meio à anomia. através de serviços mais emotivos, discursos mais mobilizadores, soluções concretas para seus problemas terrenos e uma grande proximidade com o pastor e seus correligionários.

Também crescem nesse continente adeptos de crenças e cultos afro-americanos ou umbandistas. Uruguai experimenta um crescimento ano após ano que se reflete nas estatísticas, como pode ser visto no gráfico a seguir.

Gráfico 1 - Evolução dos Cultos Afro-Americanos, Umbanda. América Latina e Uruguai, Latinobarômetro (1995 – 2023)



Fonte: Elaboração própria baseada no Latinobarômetro 2023.

Da mesma maneira há um crescimento de cultos orientalistas ou da Nova Era, cultos neoxamânicos com o uso de substâncias como a Ayahuasca, novas espiritualidades ou formas de "crer sem pertencer" (Pace, 1996) ou acreditar à minha maneira e a construção de um "Deus pessoal" (Beck, 2009), etc. Muitas dessas práticas religiosas estão agrupadas na categoria de "outras religiões" em pesquisas (0,8% dos latino-americanos praticam outra religião) e dentro dos "crentes sem igreja" (0,7%) e

mereceriam estudos mais aprofundados – com técnicas quantitativas e qualitativas ao mesmo tempo – para conhecer o mundo diverso com o qual um contingente de latino-americanos que vivenciam a religião de forma mais íntima e privada se identifica. e, como vimos, com uma prática religiosa mais elevada do que aquela professada por católicos ou evangélicos.

Os "outros cristãos" que não incluímos aqui dentro do universo evangélico, as Testemunhas de Jeová (0,9%) e os Mórmons (0,4%), representam 1,3% na América Latina (Latinobarómetro, 2023) e seria interessante no futuro ter mais estudos sobre essas duas religiões que não parecem interessados em assuntos políticos.

Em Uruguai, de acordo com dados do World Values Survey 2020, quando os cristãos pesquisados (católicos, evangélicos, adventistas, testemunhas de Jeová, mórmons e protestantes) foram questionados em qual partido político votariam se as eleições fossem realizadas neste domingo, 42,9% das Testemunhas de Jeová responderam que votariam nulo/branco ou não votariam (14,3%), enquanto dentro dos mórmons 40% votariam nulo ou branco. Também se observa que entre os evangélicos (sem especificação), 44,3% responderam que votariam al Partido Nacional, 32,9% votariam al partido Frente Amplio, 3,8% al Partido Colorado, 3,8% para o Cabildo Abierto, 6,3% votariam em branco e 3,8% não votariam. Entre os protestantes, 60% votariam no partido Frente Amplio, 20% votariam no Partido Nacional, e 20% no Partido Colorado.

Entre os adventistas, 50% votam nulo ou em branco.

Tabela 2: Partido político em que os cristãos votariam se houvesse eleições neste domingo (religiões: católica, evangélica, adventista, Testemunhas de Jeová, mórmon, protestante) Uruguai, 2020

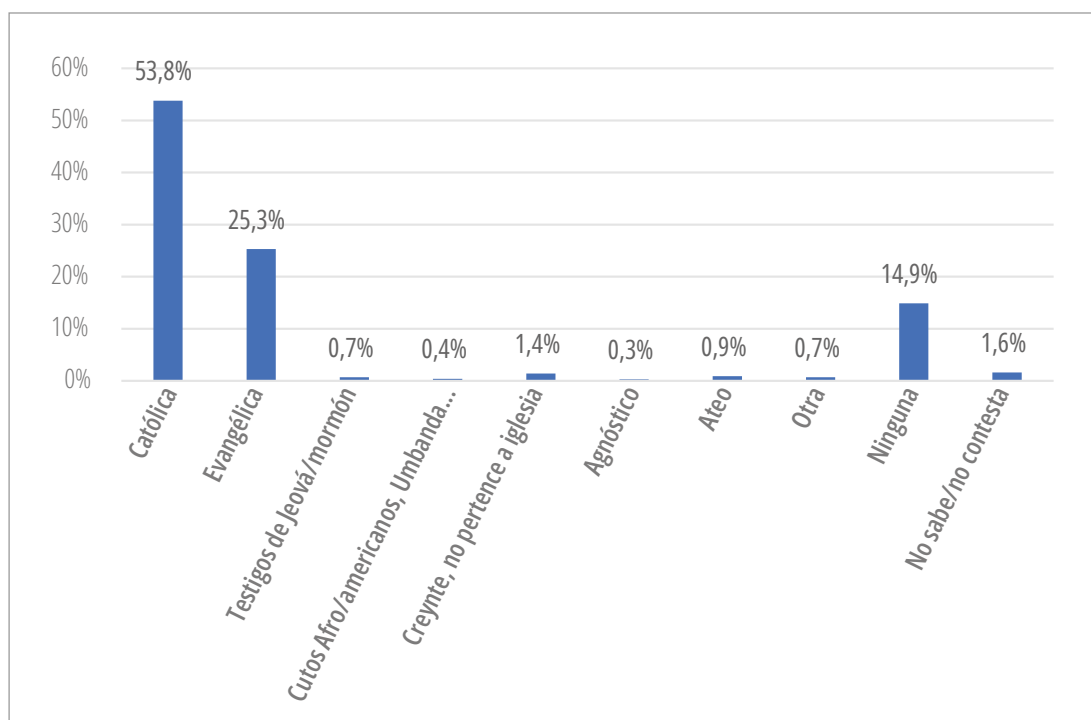
Qual é a sua religião?							
Em qual partido você votaria se houvesse eleições neste domingo?	Total	Católico	Evangélico (sem especificação)	Adventista	Testemunhas de Jeová	Mórmon	Protestante
Outros (partidos nacionais e provinciais)	2,7%	2,2%	2,5%	-	-	-	-
Voto nulo/em branco	10,0%	6,7%	6,3%	50,0%	42,9%	40,0%	-
Não votar/Nenhum	5,4%	3,4%	3,8%	-	14,3%	-	-
Não inscrito/Não tem idade suficiente	0,2%	0,3%	1,3%	-	-	-	-
UY: Frente Amplio (FA)	41,2%	34,2%	32,9%	50,0%	-	-	60,0%
UY: Partido Nacional (PN)	31,9%	43,7%	44,3%	-	28,6%	60,0%	20,0%
UY: Partido Colorado (PC)	4,6%	6,4%	3,8%	-	14,3%	-	20,0%
UY: Partido Independente (PI)	0,9%	1,1%	-	-	-	-	-
UY: União Popular	0,5%	-	-	-	-	-	-
UY: Cabildo Abierto	1,7%	1,7%	3,8%	-	-	-	-
UY: Partido Ecologista Radical Intransigente (PERI)	0,4%	-	1,3%	-	-	-	-
UY: Partido Animalista Verde	0,1%	-	-	-	-	-	-
UY: Partido dos Trabalhadores	0,1%	-	-	-	-	-	-
UY: Festa Digital	0,2%	0,3%	-	-	-	-	-

Fonte: Elaboração própria baseada no World Values Survey 2020.

Para terminar de pintar o atual cenário religioso latino-americano, não devemos ignorar o grande contingente de pessoas que não têm religião alguma (são ateus, agnósticos ou não professam nenhuma religião), e o fato de líderes religiosos emergirem no espaço público com suas demandas não lhes é indiferente, senão, parece irreverente ou inconveniente.

Observa-se claramente no gráfico a seguir que, quando questionados sobre sua religião, a população latino-americana apresenta 3 respostas, com grande percentual de adeptos: mais da metade respondeu ser católica (53,8%); em segundo lugar, evangélicos (25,3%) e, em terceiro lugar, 16,1% declaram não ter religião (ateus, agnósticos e nenhuma). As religiões afro-americanas/umbandistas representam 0,4% da população, as Testemunhas de Jeová e os mórmons 0,7% da população, nenhuma religião 14,9%; e 0,7% da população possui outra religião.

Gráfico 3 - Afiliação religiosa na América Latina, 2023



Fonte: Elaboração própria baseada no Latinobarômetro 2023.

Entre os cristãos não católicos, podemos apontar que os evangélicos não especificados constituem 12,2%, os batistas 0,5%, os evangélicos metodistas 0,1%, os evangélicos pentecostais 1,0%, os adventistas 0,6%, as Testemunhas de Jeová 0,9%, os mórmons 0,4% e os protestantes 0,7%.

Tabela 3 – Porcentagem de cristãos não católicos em América Latina, 2023

Evangélico não especificado	23,4%
Evangélico Batista	0,3%
Metodista Evangélico	0,5%
Evangélico pentecostal	0,4%
Adventista	0,5%
Testemunhas de Jeová	0,5%
Mórmon	0,2%
Protestante	0,2%

Fonte: Elaboração própria baseada no Latinobarômetro 2023.

Para realizar uma caracterização do campo evangélico latino-americano, vale dizer que este é formado pelos herdeiros de diferentes grupos religiosos da cisma do século XVI: luteranos, metodistas, calvinistas, batistas, menonitas, presbiterianos e pentecostais, entre outros. Portanto, quando usamos o termo "evangélicos", o fazemos de maneira genérica para nos referirmos aos grupos ligados de várias maneiras à Reforma Protestante (Seman, 2019).

Hilario Wynarczyk (2009), sociólogo argentino, concebe os evangélicos como um "campo polarizado" composto pelos liberacionistas históricos (HL) e os conservadores bíblicos (BC) (que por sua vez estão subdivididos entre os setores evangélico e pentecostal). O pólo conservador bíblico é composto por grupos evangélicos (como os batistas e os Irmãos Livres) e uma grande variedade de igrejas pentecostais; eles também desempenharam um papel de liderança na participação política nos últimos anos na Argentina. Os conservadores bíblicos são os que têm tomado a maior iniciativa no campo das demandas materializadas e promovidas pelos movimentos sociais, principalmente no que se refere à reivindicação de aspectos legais relativos à igualdade religiosa e não apenas na liberdade religiosa promulgada na Constituição. Embora tenham uma presença menor na população, sua característica distintiva é o grau de ativismo e compromisso com as causas de ação no meio ambiente e em uma chave de bem-estar territorial. O pólo "liberacionista histórico" é composto de protestantes que se apegam aos aspectos fundacionais do protestantismo primitivo, com um peso relativo maior para o distanciamento dos predicados católicos e menos na palavra escrita na Bíblia como no polo oposto.

O Polo Histórico Liberacionista é herdeiro da afinidade ideológica com a "teologia da libertação, o movimento ecumênico e a reflexão teológica contextual" (Pérez Guadalupe; Grundberger, 2019, p. 91). Embora este setor protestante seja minoritário em relação à constelação evangélica, eles têm um capital cultural e intelectual que facilita em certo sentido o contato com as camadas média e alta da sociedade. Ao mesmo tempo, deve-se considerar que esse aspecto religioso manteve certas aproximações com a Igreja Católica (Concílio Vaticano II), como movimento ecumênico se dobrou aos preceitos modernizadores da Declaração dos Direitos

Humanos e foi financiado por diferentes organizações para implantar projetos sociais. Como principal bandeira, a pauta moral é para o polo bíblico conservador uma forma de literalidade bíblica baseada em princípios de não incidência do Estado em aspectos relacionados à bioética, saúde reprodutiva e comportamento individual. Uma visão claramente conservadora predomina e funciona como uma contramarcha ao conjunto de conquistas legais na chamada agenda de direitos.

Desde a década de 1990, o polo conservador bíblico deslocou a predominância dos setores histórico-liberacionistas na arena política da Argentina, não mais com partidos puramente confessionais, mas que gradualmente se dobraram em setores partidários já existentes. O fator que opera como espinha dorsal dos defensores da "nova agenda moral" é a luta implacável contra a "ideologia de gênero" com resquícios de uma etapa anterior em que o inimigo comum era o comunismo no pós-guerra. Wynarczyk (2009) argumenta que o polo conservador bíblico nos dias de hoje cerrou fileiras junto com grande parte da população católica sob a bandeira dos slogans "Pró-vida e Pró-família", contrariando o avanço de princípios secularizantes que ameaçam a estabilidade de uma moralidade baseada no mandato bíblico.

Essa classificação do universo evangélico em dois polos, feita pelo autor para o caso argentino, será tomada como o "tipo ideal" de Weber (1944) para o caso uruguaio. A justificativa para essa decisão baseia-se no fato de que o estudo do protestantismo no Uruguai, como aponta Caetano, "é um assunto pendente, uma tarefa a ser feita" (2013, p. 95). A maioria das abordagens até agora se concentrou na trajetória de diferentes correntes, igrejas ou movimentos, ou em momentos históricos específicos em que o protestantismo teve maior presença pública. No primeiro caso, um tom apologético e narrativo tende a predominar sobre uma análise histórica rigorosa, com poucas exceções. No segundo, embora se alcance uma visão mais objetiva, os estudos abrangem períodos muito limitados. Por outro lado, as tentativas de oferecer uma visão mais global têm sido poucas e às vezes malsucedidas, pois muitas vezes adotam uma abordagem confessional, subjetiva ou militante. Se a religião é uma área pouco explorada na historiografia e sociologia nacionais, a ignorância sobre o protestantismo é ainda mais profunda, designa Caetano (2013).

É por isso que, economizando as distâncias com o caso argentino, utilizar a classificação de Wynarczyk (2009) nos permitirá analisar o caso uruguaio, tomando sua classificação do universo evangélico como um tipo ideal, onde poderemos testar o quão próxima ou distante a realidade está do tipo ideal traçado nesta tipologia.

Após esse desenvolvimento e focalizando especificamente a presença de figuras evangélicas na política uruguaia no século 21, os resultados de minha tese de doutorado (Sotelo, 2023)³ serão analisados com base em 21 entrevistas realizadas com personalidades evangélicas relevantes na arena política uruguaia.

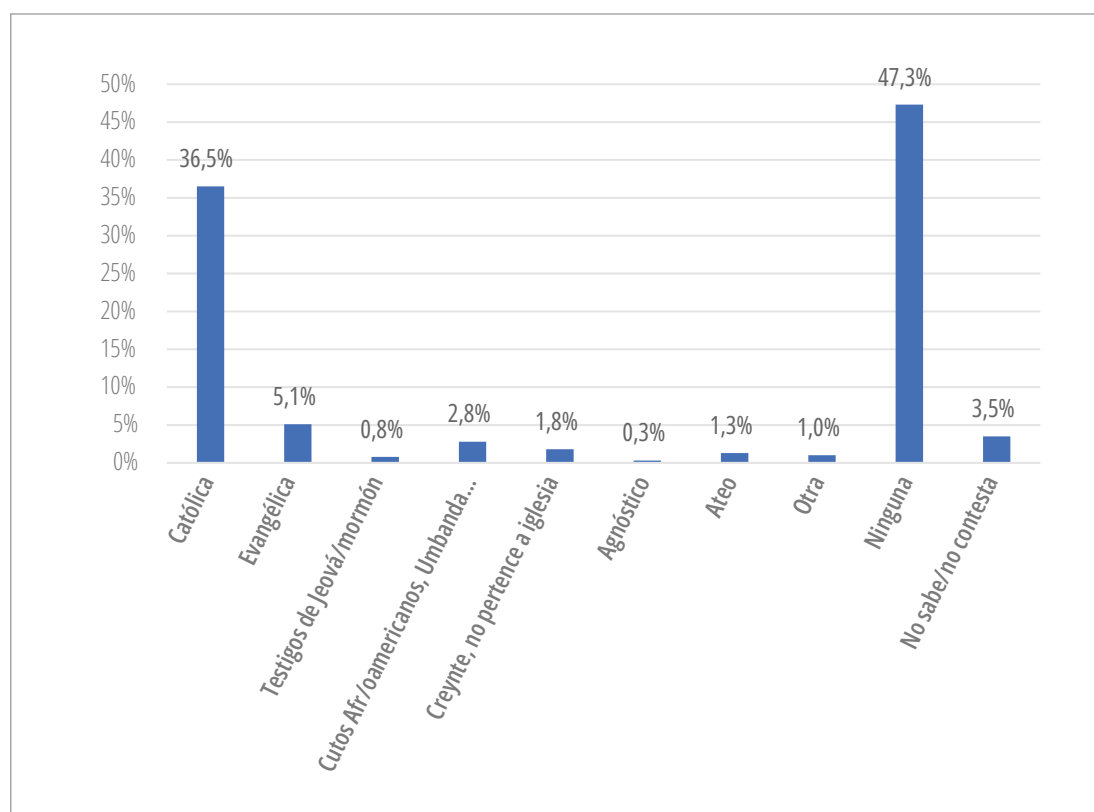
³ Conferir em Sotelo (2013), com a tese *Evangélicos no cenário político uruguaio do século 21*.

TRAJETÓRIAS RELIGIOSAS E POLÍTICAS DOS EVANGÉLICOS NO URUGUAI

Na América Latina, houve uma ruptura na atitude dos evangélicos em relação à política: antes da década de 1980, os cristãos se excluía do jogo político-partidário e, a partir dessa data, passaram progressivamente a participar da política partidária na região, com diversas manifestações e impactos em diferentes países.

Focando agora no Uruguai, em nível quantitativo podemos afirmar que a população de evangélicos ficou em 5,1% em 2023 (Latinobarômetro, s.d.). Por outro lado, 36,5% da população adere à religião católica, percentual que vem diminuindo ano a ano. A subpopulação evangélica é composta por 4,6% de evangélicos não especificados, 0,2% de adventistas e 0,3% de protestantes. O percentual de afro-umbandistas chega a 2,8% da população, percentual que vem crescendo nos últimos anos, como já apontamos. Uma grande porcentagem de pessoas no Uruguai diz não ter religião alguma, 47,3%. Os ateus representam 1,3% e os agnósticos 0,3% da população uruguaia, segundo Latinobarómetro 2023.

Gráfico - Afiliação religiosa no Uruguai, 2023



Fonte: Elaboração própria dos autores com base no Latinobarómetro 2023.

A partir da análise das trajetórias religiosas e políticas das figuras evangélicas entrevistadas, podemos concluir que aqueles que têm maior destaque na arena política uruguaia e repercussão na mídia, bem como têm alcançado a atenção de estudos

sociais recentes, são os "evangélicos políticos"⁴ o também chamados "políticos de Cristo"⁵ (Silveira Campos, 2005), em detrimento dos "políticos evangélicos" (Pérez Guadalupe, 2019).⁶ No entanto, a presença de políticos evangélicos, longe de desaparecer, continua em vigor e, embora de forma mais sutil ou despercebida, eles exercem sua liderança política com base em suas convicções religiosas a partir dos diferentes cargos de representação (Parlamento, governos central e departamental, conselhos departamentais) e ocupando lugares em diferentes partidos políticos (embora majoritariamente dentro do Partido Nacional), constituindo parte de nossa diversificada democracia uruguaia.

Figuras da ala histórica e do polo conservador bíblico foram entrevistadas durante o trabalho de campo. Em linhas gerais, pode-se dizer que as figuras entrevistadas oriundas do polo histórico liberacionista situam-se, em sua maioria, na Frente Amplio (valdenses, luteranos), enquanto os pentecostais e neopentecostais (polo conservador bíblico) encontram-se majoritariamente no Partido Nacional e, em casos excepcionais, no Partido Colorado.

Ao longo do trabalho de campo, foram entrevistados políticos evangélicos de vários partidos: Partido Nacional, Partido Colorado e Frente Amplio. Eles exercem sua atividade política, guiados por sua fé, mas não servem aos propósitos de uma igreja. Para os entrevistados oriundos majoritariamente da ala pentecostal e neopentecostal, é possível apreciar um comportamento mais ligado ao de um político evangélico (como é o caso do político do Partido Nacional Dr. Gerardo Amarilla), e de figuras ligadas à Igreja neopentecostal Misión Vida (deputado nacionalista pastor Álvaro Dastugue, Lane Silveira, Joanna Perco e Alba Rodríguez), já que a Misión Vida é a igreja com maior participação na política uruguaia, nos espaços políticos dentro do Partido Nacional. Outras figuras se projetaram na política a partir da Missão Vida, mas se desencantaram com a igreja por considerarem que política e religião estavam muito misturadas, distanciando-se dela, como é o caso dos entrevistados Analía Pereira e Gabriel Cunha. No entanto, continuam a servir o Partido Nacional.

Por fim, podemos afirmar que estamos diante de uma nova elite política que emerge do campo religioso com ambições de conquistar um status no plano político. São políticos evangélicos e políticos evangélicos, e estão espalhados em vários partidos políticos.

⁴ Os evangélicos políticos "são aqueles líderes religiosos iniciantes na política que buscam apenas monetizar sua liderança religiosa na arena eleitoral" (Pérez Guadalupe, 2019, p. 21), agem como crentes, buscam apenas o interesse de seu grupo religioso e atuam como mais um grupo de interesse de nossa política continental.

⁵ "[...] são "produzidos" por mega-igrejas pentecostais, que selecionam, promovem e possibilitam que sejam eleitos. Em contrapartida, devem fidelidade às igrejas e suas hierarquias e devem, nas câmaras legislativas, defender os interesses corporativos e morais da instituição" (Silveira Campos, 2005, p. 157)

⁶ Políticos evangélicos, segundo Pérez Guadalupe (2019), são aqueles que "militam em partidos políticos estabelecidos e que entram na política defendendo seus princípios cristãos [...] (como pode validamente haver, políticos católicos, políticos marxistas, políticos liberais, etc.)." Atuam como cidadãos e buscam o bem comum dentro dos parâmetros permitidos pelo jogo democrático" (p. 21).

São vários os representantes evangélicos que utilizaram seu capital simbólico do campo religioso e o transformaram em capital político, sendo eleitos para cargos de representação política por pessoas que neles confiam pela legitimidade social que conseguiram conquistar na esfera religiosa e no território, através do trabalho social que desenvolvem com sua igreja para os mais necessitados. Como disse um dos entrevistados (Jorge Fajardo, da Frente Amplio): "as ovelhas seguem seu pastor", independentemente do partido em que estejam. Em alguns casos, quando uma pessoa detém um status religioso em sua comunidade, a fidelidade religiosa se traduz em fidelidade política.

Um elemento comum entre os entrevistados refere-se à concepção de que o cristão tem um compromisso com Deus e com a sociedade da qual faz parte, de modo que o chamado para participar da política é um mandato religioso, um chamado de Deus, o que coincide com a característica de um "político de Cristo" apontada por Silveira Campos (2005), que vivencia a participação na política partidária como vocação divina para salvar "um corpo político em processo de degradação patológica" (p. 159).

Também os entrevistados apontam que é importante prestar ajuda social a quem mais precisa, por isso se entende que o cristão deve cultivar a espiritualidade, mas ao mesmo tempo cuidar da vida prática e real das pessoas. Isso envolve tanto desenvolver o trabalho social através da igreja quanto envolver-se em posições de representação política para realizar as transformações sociais mais urgentes. Como vários disseram, consideram-se cristãos comprometidos com a vida política. É o que afirma, por exemplo, o pastor Óscar Farías (ligado ao Partido Colorado, atual Diretor Comunal, Coordenador de Gestão Territorial da Prefeitura de Rivera), para quem a fé cristã tem um enorme poder de transformação social além das quatro paredes do templo.

Em diversos depoimentos, observa-se uma conversão religiosa, desde a profissão de uma religião católica na infância, até a profissão de uma fé evangélica na vida adulta (como nos casos do político Jorge Fajardo, Frente Amplio) e do prefeito Andrés Lima (Frente Amplio). Da mesma forma, observa-se que, nas trajetórias políticas, espaços de militância são compartilhados entre evangélicos e católicos (evidenciamos isso no caso de Dastugue e Joanna Perco, já que ambos iniciaram sua militância política e se formaram dentro da Corrente Social Cristã do Partido Nacional, espaço criado pelo político nacionalista Carlos Iafigliola).

Dentro das trajetórias, percebe-se que o elemento comum de todas as experiências é a vocação de serviço, o compromisso que os cristãos sentem pelos mais necessitados, que os leva a participar da política. No entanto, desenvolver um papel político enquanto religioso não está isento de desafios. Há quem a desenvolva sem tensões, aliás, consideram que o papel político e religioso anda de mãos dadas (como afirma Daniel Gerhard, Frente Amplio), e há outros, que o vivenciam como um grande desafio, como

corroboram os depoimentos da vereadora de Colonia Cristina Acevedo (Frente Amplio) e do vereador de Salto Enzo Albino (Partido Nacional). O mundo da política, com seu jogo de interesses, suas negociações, tem suas próprias regras que às vezes podem contradizer mandatos religiosos. Daí a contradição weberiana de exercer a política segundo a ética da convicção ou a ética da responsabilidade (Weber, 1919).

De qualquer forma, muitos entrevistados deixam claro que a política não deve ser discutida no templo, e que ambos os papéis (religioso e político) devem ser desempenhados em esferas separadas. Eles dizem que há um risco se a política entrar na igreja.

Em vários depoimentos,⁷ fica claro que o papel mais importante para suas vidas é o religioso: "ser cristão" tem precedência sobre "ser político".

EVANGÉLICOS NAS MARGENS DA SOCIEDADE

As igrejas evangélicas em os bairros mais carentes prestam atendimento aos mais vulneráveis (pessoas em situação de pobreza, mulheres vítimas de violência, pessoas com uso problemático de substâncias, moradores de rua, refugiados, pessoas privadas de liberdade e as recém-libertadas etc.), entendendo que são chamadas a se posicionar onde há necessidade. Nesse sentido, as diferentes igrejas que compõem o universo evangélico se posicionam como mediadoras entre o poder centralizador do Estado e as ações das organizações da sociedade civil à "margem da sociedade" (Arocena & Sotelo, 2020).

A Igreja Católica, fez sua opção preferencial pelos pobres, no entanto, os pobres latino-americanos fizeram sua opção preferencial pelos evangélicos. O pentecostalismo se espalhou entre as camadas sociais mais baixas. A universalidade do sacerdócio permitiu a multiplicação de templos nos bairros mais carentes, dando origem ao rápido crescimento do chamado pentecostalismo autóctone (não mais pentecostalismo missionário).⁸

As religiões neopentecostais, embora realizem um trabalho social – que é basicamente de natureza assistencialista – essa não é sua maior contribuição para o alívio da pobreza. Seu combate à pobreza é realizado basicamente oferecendo as soluções "mágicas" que os fiéis buscam ao participar das cerimônias (Sotelo, 2010).

⁷ O caso do político Fernando Rodríguez (Frente Amplio), ex-vice-diretor do INAU, membro da Igreja Irmãos Livres (entrevistado n. 10) e do prefeito de Salta Enzo Albino (Partido Nacional), evangélico pentecostal, (entrevistado n. 17).

⁸ Embora o pentecostalismo tenha penetrado em todos os estratos sociais, na literatura acadêmica há consenso de que seu sucesso tem sido maior nos temas dos setores populares e das precárias classes médias da região, onde através da teologia da prosperidade, ofertas e dízimos as pessoas depositam uma esperança de ascensão social e conquista dos bens que não conseguiram alcançar pelos meios convencionais. e através da "guerra santa" explicam os acontecimentos mais negativos como a causa do mal ou do diabo (uso de drogas, falta de emprego etc.), e tudo de positivo que podem alcançar (um emprego, um parceiro, uma casa ou um veículo) é explicado pela ação de Cristo. Essas duas ferramentas trazem paz ao sofrimento dos estratos sociais mais deprimidos.

Não só as religiões pentecostais ou neopentecostais realizam trabalho social, temos evidenciado nos depoimentos dos cristãos entrevistados de todo o espectro evangélico uma preocupação com a pobreza e o sofrimento humano (vícios, pessoas em situação de rua, privadas de liberdade, violentadas) em todas as igrejas evangélicas as obras sociais são implantadas nesse sentido e as pessoas entrevistadas têm participado delas como fiéis. E, na maioria dos casos, é isso que mais tarde desperta sua vocação política.

As histórias dos entrevistados narram sua participação como voluntários nas mais variadas obras sociais da igreja (com crianças, jovens, viciados, apenados). Essa trajetória religiosa ao mesmo tempo que os sofrendores, os pobres, os excluídos, tem levado várias figuras evangélicas a alcançarem *expertise* ou *know-how* social em como conseguir, por exemplo, que um viciado abandone as drogas, que um ex-presidiário não recaia no crime, que uma mulher consiga romper o ciclo da violência de gênero. Levando em conta a teoria de Bourdieu, podemos afirmar que esse capital religioso (Bourdieu, 2009, p. 70) ganho no campo religioso e social, é então capitalizado no campo político. Daí o capital político que essas figuras religiosas detêm e que lhes permite alcançar um status nesse campo, em cargos de representação política dos mais diversos (no Parlamento, nas Diretorias Departamentais, no governo).

EVANGÉLICOS NA SAÚDE E NO MEIO AMBIENTE

Desde o início do século 21, assistimos ao surgimento de uma "sociedade de risco global" (Beck, 2008), onde as ameaças globais (da guerra nuclear às mudanças climáticas) desafiam todos nós, indivíduos e Estado, a nos envolvermos nas decisões que determinarão a situação da humanidade no presente e no futuro. As religiões, como atores sociais, também estão envolvidas nessas preocupações. Em particular, as figuras evangélicas entrevistadas expressam preocupação com os riscos globais, tanto climáticos quanto de saúde (refletindo principalmente na pandemia de COVID-19), as vulnerabilidades derivadas de guerras, crises em nosso ecossistema que produzem secas, inundações etc.

Sob o termo "Ecoteologia" propõe-se uma política global para antecipar possíveis catástrofes. O deputado Daniel Gerhard (Frente Amplio) explica que a Ecoteologia propõe algo muito elementar, que é o esgotamento do mundo, dos recursos da Terra, comprometendo o futuro das próximas gerações. São os próprios seres humanos que levaram à destruição do Planeta Terra e da humanidade. Por isso, por meio da fé, os evangélicos se sentem chamados a pensar e refletir sobre o que Deus deseja e o que o Evangelho propõe nesse cenário complexo, e qual o lugar que devem ocupar para cuidar do meio ambiente e evitar maiores sofrimentos e misérias em nossa sociedade global. Assim, a ecoteologia convoca os evangélicos a ocuparem um lugar político para o cuidado da nossa "casa comum" (a Terra) e dos povos que a habitam.⁹

⁹ Segundo Leonardo Boff: "Estamos diante de uma crise civilizatória generalizada. Precisamos de um novo

Um conjunto de reflexões emerge nas entrevistas em torno da pandemia de COVID e da crise social e sanitária que se desencadeou e que afetou os laços afetivos, o emprego e a educação. Nesse sentido, evidenciamos uma preocupação compartilhada por diversas figuras entrevistadas de todo o espectro do universo evangélico. Refeitórios populares e áreas de piquenique são algumas das iniciativas voluntárias realizadas por várias figuras entrevistadas para enfrentar a pobreza emergente da crise social e sanitária da COVID-19, que mostra um trabalho social silenciosamente implantado por evangélicos de todo o espectro de igrejas e de todo o país nos bairros mais carentes. A pandemia de COVID-19 é vista como um risco global, onde todas as nações devem trabalhar juntas para enfrentar todos os desafios e deixar uma estrutura para prevenir e enfrentar futuras crises globais.

EVANGÉLICOS NA ARENA POLÍTICA URUGUAIA

Tomando o modelo de Pérez Guadalupe e Grundberger (2019), podemos afirmar que no Uruguai encontramos o modelo da facção evangélica, com a inserção dos evangélicos em partidos já existentes. Não há experiência de festas confessionais na história uruguaia. A laicidade arraigada em Uruguay e a luta entre Igreja e Estado, onde a Igreja Católica foi relegada à esfera privada, faz com que os evangélicos tenham liberdade para poder se desenvolver na política e se destacar nela. No entanto, as fortes identidades partidárias despertadas pelos partidos uruguaios (dois deles entre os mais longevos do mundo: o Colorado e o Nacional; e a esquerda unida na Frente Amplio desde 1971), também dificultam o surgimento das outras duas categorias de Pérez Guadalupe e Grundberger (2019): o Partido Evangélico e a Frente Evangélica. A "partidocracia" no Uruguai (Chasquetti & Buquet, 2004) engole as lideranças evangélicas.

Em linhas gerais, podemos apontar que os evangélicos do polo conservador bíblico são ideologicamente inclinados para partidos de direita (em sua maioria localizados no Partido Nacional) e aqueles do polo histórico liberacionista são ideologicamente inclinados para a esquerda (Frente Amplio).

No Uruguai, os atores evangélicos presentes na política não são meros acompanhantes de representantes políticos católicos, já que o peso da Igreja Católica não é tão forte na vida política de Uruguai, ao contrário do caso argentino, por exemplo. É verdade que tecem alianças com católicos, mas na defesa da agenda pró-família e pró-vida, apresentam-se como protagonistas dessas bandeiras políticas. Nos últimos anos pudemos evidenciar a participação de figuras políticas evangélicas liderando debates em espaços públicos, como, por exemplo, contra a Lei Trans ou a eutanásia (Deputado Dastuge).

paradigma de convivência que fundamente uma relação mais caridosa com a Terra e inaugure um novo pacto social entre os povos em termos de respeito e preservação de tudo o que existe e vive. Somente a partir dessa mutação faz sentido pensarmos em alternativas que representem uma nova esperança". Conferir em Boff (2002, p. 17-18).

Há indícios de uma mobilização política de grupos evangélicos do polo conservador bíblico em aliança com membros da Igreja Católica pela revogação da Lei Trans, manifestações contra a educação sexual nas escolas e o aborto. A coleta de assinaturas para revogar a Lei Trans voltou a colocar atores religiosos/políticos no espaço público, cujos expoentes mais notórios foram o pastor e deputado Álvaro Dastugue e o político Carlos Iafigliola. Católicos em aliança com evangélicos neopentecostais, demonstraram com sua campanha pela revogação da lei sua capacidade de mobilização conjunta ao reunirem o número necessário de assinaturas para viabilizar um pré-plebiscito para revogar a lei. Fica evidente o "ecumenismo político" (Pérez Guadalupe, 2022, p. 391), no qual ambos os grupos religiosos deixam de lado suas diferenças confessionais em favor de uma luta política pela proteção da vida e da família, contra o aborto, o casamento entre pessoas do mesmo sexo e a 'ideologia de gênero'.

No momento, figuras evangélicas neopentecostais também são observadas em debates públicos mostrando uma posição contrária à eutanásia, em relação a um projeto de lei que tenta legislar essa prática. Entre os entrevistados do "polo conservador bíblico" encontramos uma opinião contrária à prática da eutanásia, pois com base no literalismo bíblico, apontam que ela contradiz um dos 10 mandamentos da Bíblia: "Não matarás". Para esse grupo de entrevistados, seria desejável promover os cuidados paliativos e não a eutanásia. Entre os entrevistados pertencentes às igrejas do "polo histórico liberacionista" encontramos muitas opiniões a favor da eutanásia como forma de evitar o sofrimento dos pacientes quando estes se encontram em estado vegetativo e terminal (os entrevistados pertencentes à Frente Amplio, Mario Perrachon, María Cristina Acevedo, Andrés Lima).

Quanto às considerações em torno do conceito de família, o setor "bíblico-conservador" é aquele que, por sua característica de adesão ao mandato bíblico, mais justifica os preceitos tradicionais sobre os quais se construiu a típica família heteropatriarcal, monoparental, baseada no comportamento conjugal monogâmico. Enquanto o setor ocupado pelos "liberacionistas históricos" mostra certa abertura e reconhecimento a essa tendência à multiplicidade de formas familiares, uniões entre pessoas do mesmo sexo e possibilidade de adoção de crianças, desde que prevaleça o amor. Na entrevista à pastora uruguaia Ilda Vence, ela revela que a Igreja Metodista celebra o casamento igualitário entre os membros de sua igreja. Desde que o Estado reconheceu o casamento entre pessoas do mesmo sexo, a Igreja Metodista decidiu integrá-lo em seus ritos para os fiéis de sua congregação, embora não possa realizá-lo com pessoas que não professam essa fé. Isso mostra uma abertura da igreja para casais do mesmo sexo, o que está longe da visão do polo conservador bíblico.

Conclui-se que, no Uruguai, os evangélicos políticos do polo conservador bíblico (pentecostais e neopentecostais) são os que têm maior destaque na arena política, com posições pró-vida e pró-família e contra a "ideologia de gênero". No entanto, há

políticos evangélicos do polo histórico com posições distantes daquelas assumidas pelos conservadores bíblicos, por exemplo, posicionando-se a favor da interrupção voluntária da gravidez, do casamento entre pessoas do mesmo sexo, além de outros temas de valor na agenda pública, como a atual discussão sobre a eutanásia. Lembremos que o próprio universo evangélico é um campo religioso no qual os agentes de várias denominações entram em disputa dentro dele, então é compreensível que eles também se projetem na política.

Um dos fatores que explicam a inserção dos evangélicos na política deve-se ao fato de que as igrejas evangélicas, especialmente as igrejas pentecostais e neopentecostais, atuam como mediadoras da relação sociedade/Estado (Lopes Cabral, 2006). No novo milênio, essa mediação entre sociedade e Estado, antes realizada por partidos políticos, perde relevância e a democracia se estende a espaços mais amplos da sociedade civil. Segundo dados do Latinobarómetro 2023, a instituição em que os latino-americanos mais acreditam é a igreja (mais do que nos partidos políticos).

Como deixamos claro, as igrejas evangélicas atingem áreas marginais da sociedade e conseguem mobilizar as comunidades de forma a condicionar sua escolha na hora do voto. Segundo Lopes Cabral (2006), são espaços onde o Estado não alcança, e essas igrejas constituem um ator relevante quando se trata de mediar entre as novas demandas da sociedade e do Estado.

A igreja Missão Vida pelas Nações é, de certa forma, a de maior presença na arena política uruguaia. Por ter uma ancoragem territorial, através das suas comunidades de reabilitação (Hogares Beraca), dos encontros de evangelização em casas de família, de inúmeros templos por todo o território nacional, parece ter oleado uma forma de fazer política ao apoiar candidaturas oficiais (políticos de Cristo), como a do pastor Dastugue, onde se poderia delinear uma espécie de voto denominacional para esta congregação religiosa e onde o lema "irmão vota em irmão" pode ter aqui um verdadeiro significado e práxis, onde as fronteiras entre o templo e a atividade política são borradas.

No caso das demais igrejas evangélicas e representantes políticos evangélicos entrevistados, não há atividade política dentro do templo, mas são concebidas como áreas que devem ser mantidas separadas. Há opiniões diferentes por parte dos entrevistados sobre a existência de um voto confessional no Uruguai, alguns dizem que sim, outros dizem que não. A verdade é que há afinidades ideológicas e religiosas que podem inclinar o voto de alguns fiéis para representantes evangélicos que concorrem a cargos de representação política.

Vários cristãos entrevistados frequentaram um instituto de formação política a convite de suas igrejas, de modo que se percebe que há uma intenção por parte das igrejas de formar quadros políticos. Por outro lado, também há evidências de alianças entre alguns representantes do polo bíblico conservador, com movimentos sociais e ONGs

pró-vida e pró-família, como a do Uruguai chamada "Meus filhos não são tocados", que surgiu como rejeição à proposta didática de abordagem da educação sexual na educação infantil e primária, apresentada pelo Conselho de Educação Inicial e Primária.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os achados desta pesquisa confirmam que a participação dos evangélicos na política uruguaia não é um fenômeno homogêneo ou monolítico, mas responde à diversidade interna do campo evangélico e às especificidades históricas do secularismo no Uruguai. Embora os representantes do polo bíblico conservador tenham sido os mais visíveis na arena política, promovendo uma agenda ligada à defesa dos valores tradicionais (pró-vida, pró-família e contra a ideologia de gênero), observa-se também a presença de políticos evangélicos com posições mais alinhadas ao progressismo e à justiça social.

Ao contrário de outros países latino-americanos onde os evangélicos formaram seus próprios partidos políticos ou bancadas legislativas coesas, no Uruguai sua participação política ocorre dentro das estruturas partidárias tradicionais, principalmente no Partido Nacional, mas também na Frente Amplio e no Partido Colorado. Essa característica distintiva se deve, em parte, à força do sistema partidário uruguaio e à ausência de um eleitorado evangélico suficientemente coeso para promover uma representação política unificada.

Tentativas de confederação e coordenação entre os evangélicos são mencionadas, mas não tiveram resultados significativos até agora. De qualquer forma, os evangélicos na política, apesar de pertencerem a partidos diferentes, se consideram "irmãos" de fé, fato que se reflete nas entrevistas. Destaca-se também que, apesar da diversidade de crenças, algumas questões específicas como a defesa da família, a defesa do meio ambiente e os valores cristãos são de interesse comum entre os evangélicos na política.

Da mesma forma, é evidente que a inserção de figuras evangélicas na política responde a dinâmicas que transcendem a esfera religiosa, como o trabalho social e a intermediação em comunidades vulneráveis, o que lhes permitiu construir um capital simbólico que se traduz em capital político. Essa capacidade de mobilização e articulação territorial é um fator chave para entender seu crescente impacto na esfera política.

O estudo também levanta questões sobre o futuro dessa participação política. À medida que a sociedade uruguaia passa por mudanças em sua matriz religiosa e na relação entre o público e o privado, vale a pena perguntar se a influência evangélica na política continuará a se expandir ou se enfrentará limites estruturais que retardam sua consolidação. Nesse sentido, pesquisas futuras poderiam investigar como a relação entre política e religião evolui no Uruguai, bem como o impacto desses atores nas decisões políticas e na opinião pública.

Em suma, este artigo contribui para uma compreensão mais profunda da transformação do campo político-religioso no Uruguai e para situar o caso uruguaio dentro do panorama mais amplo da participação política evangélica na América Latina.

SOBRE A AUTORA

Victoria Sotelo: Doutora e mestre em Sociologia pela Universidad de la República. Pesquisadora da área de Sociologia da Cultura, no Departamento de Sociologia da Faculdade de Ciências Sociais da Universidad de la República.

REFERÊNCIAS

1. AROCENA, Felipe; SOTELO, María Victoria. Das margens da sociedade ao parlamento: evangélicos na política no Brasil, Argentina e Uruguai. *Revista de Cultura y Religión*, v. 15, n. 2, p. 1-38, 2021. Disponível em: <https://revistaculturayreligion.cl/index.php/revistaculturayreligion/article/view/1032/711>. Acesso em: 29 mar. 2024.
2. BARRÁN, José Pedro. *Iglesia Católica y burguesía en el Uruguay de la modernización (1860-1900)*. Montevideo: Universidad de la República, Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación, 1988.
3. BECK, Ulrich. *A sociedade de risco global. Em busca de segurança perdida*. Barcelona: Ediciones Paidós, 2008.
4. BECK, Ulrich. *O Deus pessoal. A individualização da religião e o “espírito” do capitalismo*. Barcelona: Paidós, 2009.
5. BOFF, Leonardo. *Cuidados essenciais: ética do ser humano, compaixão pela terra*. Madrid: Trotta, 2002.
6. BOURDIEU, Pierre. *Eficácia simbólica: religião e política*. Buenos Aires: Biblos, 2009.
7. BOURDIEU, Pierre. Gênese e estrutura do campo religioso. *Revue Française de Sociologie*, v. 12, n. 3, p. 295-334, 1971. Disponível em: www.persee.fr/doc/rfsoc_0035-2969_1971_num_12_3_1994. Acesso em: 29 mar 2024.
8. CAETANO, Gerardo. *El Uruguay Laico. Matrices y revisiones*. Montevideo, Uruguay: Taurus, 2013.
9. CAETANO, Gerardo. “Secularización, privatización de lo religioso y religión civil. Asuntos teóricos a debatir a propósito del caso uruguayo”. In: DA COSTA, Néstor, Delecroix, V.;
10. DIANTEILL, E. *Interpretar la modernidad religiosa: teorías, conceptos y métodos en América Latina y Europa* (p. 35-64). Montevideo: CLAEH, Red Puertas América Latina-Europa, 2007.
11. CASTRO, Emilio. Las denominaciones y los movimientos. *Cuadernos de Marcha*, n. 29, 1969. CHASQUETTI, Daniel; BUQUET, Daniel. Democracia no Uruguai: uma partidária consensual. *Política*, n. 42, p. 221-247, 2004.
12. DA COSTA, Néstor. La laicidad uruguaya. *Archives de Sciences Sociales des Religions*, n. 146, p. 137-155, 2009.
13. DA COSTA, Néstor. *Religião e sociedade no Uruguai no início do século 21. Um estudo da religiosidade em Montevideu*. Montevideo: CLAEH - Centro Unesco Montevideo, 2003
14. ELIZAGA, Julio César. *Seitas e novas religiões na conquista do Uruguai*. Montevideo: Editorial La Llave, 1988.
15. GUIGOU, Nicolás. Religião e Política no Uruguai. *Civitas*, v. 6, n. 2, p. 43-54, 2006.
16. HOLLAND, C. L. *Enciclopedia de grupos religiosos en las Américas y la pe-nínsula ibérica: religión en Uruguay*. San Pedro: Programa de Estudios Sociorreligiosos (PROLADES), 2010.
17. LATINOBARÓMETRO. Opinião Pública Latino-Americana. Base de dados consultada 1995- 2023. Disponível em: www.latinobarometro.org Acesso em: 2 jul. 2023.
18. LOPES CABRAL, Eduardo. Evangélicos e política. *Revista Electrónica dos pos Graduandos em Sociologia Política* da UFSC, v. 2, n. 2, pp. 91-112, 2006. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/view/13538>. Acesso em: 2 jul. 2023.

19. MASFERRER KAN, Elio. *Religião, poder e cultura. Ensaio sobre política e a diversidade de crenças*. Buenos Aires: Libros de la Araucaria, 2009.
20. ORO, Ari Pedro. Neo-pentecostalismo. *Cuadernos de Antropología*, n. 9, 1992.
21. PACE, Enzo. Religião y globalización. Artigo apresentado na VI Conferência sobre Alternativas Religiosas na América Latina. *Anais [...]*. Porto Alegre, 6 e 8 de novembro de 1996.
22. PÉREZ GUADALUPE, José Luis. *Pastores e políticos. Protagonismo evangélico na política latino-americana*. Lima: Fundação Konrad Adenauer, Instituto de Estudos Sociais Cristãos, 2022.
23. PÉREZ GUADALUPE, José Luis; GRUNDBERGER, Sebastián. *Evangélicos e Poder na América Latina*. Lima: Fundação Konrad Adenauer, Instituto de Estudos Sociais Cristãos, 2019.
24. SEMÁN, Pablo. “¿Quiénes son? ¿Por qué crecen? ¿En qué creen? Pentecostalismo y política en América Latina”. *Nueva Sociedad*, n. 280, p. 26-46, 2019.
25. SILVEIRA CAMPOS, L. De “Políticos Evangélicos” a “Políticos de Cristo”: A Trajetória das Ações e da Mentalidade Política dos Evangélicos Brasileiros na Transição do Século XX para o Século XXI. *Ciencias Sociales y Religión*, v. 7, n. 7, p. 157-186, 2005.

Submissão em 27 de setembro de 2024.

Aceito em 20 de março de 2025.